

# **ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES NAS SÉRIES INICIAIS: UMA VISÃO DISTORCIDA DE AVALIAÇÃO**

NASCIMENTO, Juliete Souza – UESB  
[Juliestar-0020@hotmail.com](mailto:Juliestar-0020@hotmail.com)

MELO, Daniela Silva – UESB  
[dany\\_cnonatura@hotmail.com](mailto:dany_cnonatura@hotmail.com)

QUEIROZ, Jéssica Oliveira - UESB  
[jessik.queiroz@hotmail.com](mailto:jessik.queiroz@hotmail.com)

SANTOS, Rubenisa Brito dos – UESB  
[denyuesb@gmail.com](mailto:denyuesb@gmail.com)

**Eixo IV** – Qualidade da Educação Básica e Superior: democratização do acesso, permanência, avaliação, condições de participação e gestão.

E-mail: [juliestar-0020@hotmail.com](mailto:juliestar-0020@hotmail.com).

## **RESUMO**

No intuito de facilitar o exercício prático-teórico dos conhecimentos já adquiridos no componente curricular “Avaliação da aprendizagem”, desenvolvemos um trabalho de investigação às escolas da rede municipal de ensino, localizada no município de Jequié-Ba, para conhecer as práticas avaliativas dos professores que atuam no Ensino Fundamental I. No presente estudo buscou-se conhecer qual o conceito que estes professores tem sobre avaliação, tendo como proposta principal identificar os tipos de instrumentos utilizados para a coleta de dados e a relação existente entre a aplicação destes com o processo de desenvolvimento da aprendizagem. A metodologia utilizada nesse estudo foi de cunho qualitativo, com uso de observações e questionários aplicados para coleta de dados. Tendo como aporte teórico pensamentos de autores como Hoffmann (1993); Luckesi (2011) e Tyler (1975), tais fontes ofereceram-nos materiais riquíssimos para o desenvolvimento deste trabalho. A partir das observações, foi possível verificar como está sendo avaliado o aprendizado dos alunos, se de forma classificatória/seletiva ou diagnóstica/processual. A pesquisa revela que a avaliação ainda tem sido utilizada para selecionar e classificar os alunos como bom, regular e ruim. Os mecanismos de avaliação revelados geram rotulações que costumam dividir as salas de aula entre os que sabem e os que não sabem. É emergencial que os professores se apropriem de embasamento teórico de autores que discutam a respeito da educação mediadora, construtivista, e principalmente de uma

avaliação processual. Assim, constatamos que avaliar é uma tarefa difícil, com grande responsabilidade para o docente que pouco sabe a respeito do assunto.

**Palavras-chave: Avaliação; aprendizagem; professor.**

## INTRODUÇÃO

A avaliação ao longo dos tempos vem tentando desintegrar-se da prática secular de provas que serviam apenas para medir o saber do educando em uma determinada área do conhecimento, dando ênfase somente aos acertos empurrando o aluno em processo estritamente seletivo e excludente. Avaliação ainda é vista como ferramenta de aferição de notas, onde se espera que o aluno responda aquilo que se deseja ou espera, uma vez que tantas outras questões poderiam ser colocadas em cheque a partir das respostas colocadas pelos alunos, no intuito de averiguar as possíveis hipóteses, permitindo ao educador um caráter problematizador e dialógico em sala de aula.

Por muitos anos obtivemos uma visão distorcida do erro, este parecia ser algo ruim que deveria ser evitado a qualquer custo, principalmente no que diz respeito a questões em sala de aula. A instituição escolar tem sido a propagadora desta concepção, uma vez que sempre criou mecanismos de coação na tentativa de manter os estudantes sob controle, obedientes, atentos e, sobretudo, com medo de errar. Como superar então esse equivocado entendimento sobre o ato de errar, já que o mesmo continua incutido nas mentalidades tanto dos alunos quanto dos professores? Esta questão põe cheque tantas outras discussões relevantes, na qual serão tratadas a seguir.

São inúmeras as questões apontadas para responder tal pergunta. Como ponto de partida considera-se a necessidade de se compreender verdadeiramente o que de fato é avaliação e quais as contribuições que esta veêm trazendo como elemento da ação educativa.

Nesta perspectiva, Hoffmann (1993) salienta,

Se ao aluno cabe apenas responder questões cujas respostas são sugeridas pelo professor ou textos lidos, tais respostas não significarão uma reflexão e um entendimento próprio, não

representarão desenvolvimento máximo possível do conhecimento (HOFFMANN, p.70).

Nesse sentido, percebe-se que o ensino e aprendizagem não são processos independentes nos quais cabe ao professor ensinar e ao aluno aprender, mas, sim uma relação dialógica, interligada entre ambos: professor e aluno. Sendo este primeiro o condutor deste processo, podendo assim tanto contribuir quanto dificultar o desempenho dos educandos.

É necessário assim, que este esteja preocupado em desenvolver mecanismos para auxiliar o aluno a expressar suas idéias, opiniões e dúvidas acerca de um determinado assunto, propiciando desta forma uma aprendizagem significativa, não levando em consideração apenas as respostas prontas dos livros didáticos, mas o ponto de vista de cada educando, dando-lhes mais autonomia sobre as colocações apresentadas.

A hipótese que defendo é que se tarefas de aprendizagem forem consideradas como elementos de investigação do professor sobre o processo de construção do conhecimento, descobrir-se-á como reformulá-las para serem adequadas a tal processo de revisão em relação a determinados conteúdos rotineiramente trabalhados pelos professores (HOFFMANN, 2003, p.67).

Nesta perspectiva, verifica-se que esta poderá ser uma prática que exigira muito trabalho e dedicação, mas, irá proporcionar ao professor subsídios necessários para uma prática avaliativa mais dialógica, processual, onde o aluno participa ativamente do processo e o erro passa a ser visto não mais como uma falha, mas como um novo ponto de partida, de novas hipóteses.

Dessa forma, o professor deve levar o aluno a encarar o erro como um elemento reconstrutor do conhecimento no processo avaliativo, conscientizando-o de seu erro cometido, levando-o a reconhecer que este é uma peça fundamental no desenvolvimento das partes cognitivas uma vez que nos permite avançar de um determinado nível de estágio a outro mais elevado.

## **OBJETIVO**

No presente estudo buscou-se conhecer as práticas avaliativas dos

professores das séries iniciais do Ensino Fundamental I, tendo como proposta principal identificar os tipos de instrumentos utilizados para a coleta de dados e a relação existente entre a aplicação destes com o processo de desenvolvimento da aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada nesse estudo foi de cunho qualitativo, para isso utilizamos de observações da práxis do professor e questionários aplicados ao professor para a coleta de dados, a fim de entender como é possível avaliar no ensino fundamental I. No intuito de facilitar o exercício prático-teórico dos conhecimentos já adquiridos no componente curricular “Avaliação da aprendizagem”, nos dirigimos até uma escola municipal da rede básica de ensino, localizada no município de Jequié-Ba, na tentativa em averiguar de perto qual a relação entre as práticas avaliativas no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos e como a aplicação dos instrumentos tem contribuído neste sentido.

## **RESULTADOS DA PESQUISA**

Durantes as visitas acompanhamos os alunos do Primeiro Ano do Ensino Fundamental I do turno matutino. A partir das observações foi verificar como a está sendo avaliado o aprendizado dos alunos, se de forma classificatória/seletiva ou diagnóstica/processual.

A docente pesquisada demonstrou com por meio de suas práticas à utilização inadequada da avaliação, como salienta Luckesi (2011) muitos professores praticam exames e chamam de avaliação, isto é, muda-se apenas a denominação sem mudar a prática. Isto nos revela um equívoco tanto no que diz respeito ao entendimento que estes trazem sobre a temática tanto às suas práticas. “*Contudo, também não se pode deixar de lado essa aparência, que pode nos enganar e tem nos enganados*” (LUCKESI, 2011, p.180).

Como bem coloca o educador, avaliação é processual, contínua e diagnóstica e não deve ser confundida com o ato de examinar, que ao contrario apresenta características bem diferentes na prática. É um elo de distancia muito grande entre os dois, em termos teóricos e práticos. Obter conhecimentos acerca de ambos torna-se uma tarefa fundamental para se adquirir uma ação pedagógica diferenciada nas escolas. É

importante que o professor realize com seus alunos uma avaliação no início do período letivo e outra no término dele, pois segundo Tyler (1975) não se pode medir em que proporção às mudanças comportamentais, denominadas de aprendizagem ocorrerá naquele aluno se este for avaliado somente no final.

Observamos que a professora não leva em consideração as variáveis de um aluno para o outro, ela está sempre tecendo comparações, inibindo o aluno e afirmando entre linhas que ele é incapaz de aprender. A esse respeito Jussara Hoffman (1993) afirma “Avaliação é a análise da postura dos professores em termos da correção das tarefas feitas pelos alunos em todas as situações de aprendizagem” (HOFFMANN, p.60).

É perceptível que numa turma com 17 alunos a maioria aparenta ter dificuldade de aprendizagem, talvez o que está ocasionando tais dificuldades é a falta de diálogo entre alunos e professora. A docente demonstra não pensa em mudar sua prática avaliativa para estimular e motivar seus alunos, é muito mais simples atribuir à culpa do fracasso escolar a eles e aos seus pais. Hoffmann (1993 p.46) ressalta que “Sem dúvida, eles (professores) dividem essa culpa com os alunos, esses, porque são considerados desinteressados, os professores, por não serem capazes de despertar-lhes a motivação”.

Todavia, o que a educadora coloca em questão é justamente ausência de diálogos ou trocas de sugestões nestes tipos de situação, perdendo-se muito mais tempo em apontar os “culpados” do que pensar em estratégias para sanar os problemas. A pesquisa revela que a avaliação ainda tem sido utilizada para selecionar e para classificar os estudantes como bom, regular e ruim. Os mecanismos de avaliação revelados geram rotulações que costumam dividir as salas de aula entre os que sabem e os que não sabem. É emergencial os professores se apropriarem de embasamento teórico de autores que discutam a respeito da educação mediadora, construtivista, e principalmente de uma avaliação processual.

## **CONCLUSÕES**

A partir das observações, recolhimento de fotos e depoimentos concedido pela professora e os alunos da instituição, verificamos o quanto avaliar é uma

tarefa difícil com grande responsabilidade para o docente que pouco sabe sobre o assunto. Avaliar vai além de atribuir uma nota ou um valor. Com este estudo constatamos que para a aprendizagem tornar-se efetiva é necessário integrar a avaliação a todo o processo de ensino-aprendizagem e não a um momento isolado, pois, desta forma o aluno é avaliado por tudo o que produziu e o que apreendeu.

Desta forma, compreende-se que tanto a escola, mais especificamente apontada na figura do professor encontra-se diante deste grande desafio que é o de redefinir o verdadeiro papel e lugar da avaliação como elemento da ação educativa na vida destes sujeitos, na qual precisa se apropriar de informações que lhes proporcionam subsídios para modificar continuamente sua prática.

Contudo, para que aconteça uma avaliação construtivista é necessário que o processo seja reflexivo, participativo e dinâmico. Enfim, é possível concluir que avaliar não é um ato estático, e sim algo que está sempre se modificando e o professor deve modificar suas práticas a cada avaliação. Levando em conta a realidade cultural e social em que seus alunos estão inseridos.

## REFERÊNCIAS

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. Uma visão construtivista do erro. pp. 59-86. In: **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

\_\_\_\_\_. As Charadas da Avaliação. pp. 37-58. In: **Avaliação Mediadora: Uma prática em construção da pré-escola à Universidade**. 17.<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Mediação, 1993.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico**. 1.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TYLER, Ralph W. **Princípios básicos de currículos e ensino**. 1.<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Globo, 1975.